

LAIS LAURA DOS REIS PEDRO

O RISO EM BERGSON E A TRANSFORMAÇÃO DO CÔMICO

O RISO BERGSONIANO É CAPAZ DE REFLETIR SOBRE AS QUESTÕES
CÔMICAS QUE SURGEM NA INTERNET?

Uberlândia-MG

2025

LAIS LAURA DOS REIS PEDRO

**O RISO EM BERGSON E A TRANSFORMAÇÃO DA
COMICIDADE NA INTERNET**

**O RISO BERGSONIANO AINDA DÁ CONTA DE REFLETIR SOBRE AS
QUESTÕES CÔMICAS QUE SURGEM NA INTERNET?**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à
Universidade Federal de Uberlândia como requisito
parcial para a obtenção do título de graduação em
Licenciatura e Bacharelado em Teatro.

Orientador: Prof. Dr. Henrique Bezerra de Souza

Uberlândia

2025

LAIS LAURA DOS REIS PEDRO

**O RISO EM BERGSON E A TRANSFORMAÇÃO DA
COMICIDADE NA INTERNET**

**O RISO BERGSONIANO AINDA DÁ CONTA DE REFLETIR SOBRE AS
QUESTÕES CÔMICAS QUE SURGEM NA INTERNET?**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à
Universidade Federal de Uberlândia como requisito
parcial para a obtenção do título de graduação em
Licenciatura e Bacharelado em Teatro.

BANCA EXAMINADORA

Henrique Bezerra de Souza

Prof.(a): Titulação Nome do Professor (a)

Wellerson Freitas Filho

Prof.(a): Titulação Nome do Professor (a)

Daniele Pimenta

Prof.(a): Titulação Nome do Professor (a)

Uberlândia-MG, 26 de setembro de 2025.

PEDRO, Laís Laureia dos Reis. O Riso em Bergson e a Transformação da Comichidade na Internet.

O Riso Bergsoniano ainda dá conta de refletir sobre as questões cômicas que surgem na internet? 2025. Trabalho de Conclusão de Curso de Teatro – Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia-MG, 2025.

RESUMO

Essa pesquisa analisa como a teoria do riso do filósofo francês Henri Bergson pode ser usada para refletir sobre o humor contemporâneo presente na internet, principalmente em *memes* e vídeos curtos. O estudo parte da visão bergsoniana de que o riso pode funcionar como ferramenta de correção social frente a alguns comportamentos considerados automáticos. Entretanto, ao procurar no espaço digital, nota-se que o riso na internet não se detém a esta função e também possui características, como a fluidez, a participação coletiva das pessoas, entre outras possibilidades. Autores como Limor Shifman, Judith Butler, Viktor Chagas, Alexandre Werneck e Isabella Tavares Sozza Moraes ajudam a entender um pouco de como esse humor digital vai além da teoria de Bergson, se tornando também uma forma de comunicação e linguagem cultural, o humor na internet encontra um espaço para resistência, um lugar onde as pessoas podem mostrar quem são de verdade, ou pelo menos o que desejam parecer ser nas redes sociais. Essa pesquisa destaca também o papel social, político e emocional do riso na internet, mostrando que, mais do que corrigir, o humor *online* na maioria das vezes faz perguntas, provocações e, também, mudanças.

Palavras-chaves: Riso, Henri Bergson, Cultura digital, *Memes*, Redes sociais.

PEDRO, Laís Laura dos Reis. Laughter in Bergson and the Transformation of the Comicality on the Internet. Does Bergsonian Laughter still reflect on the chemical issues that arise on the Internet? 2025. Trabalho de Conclusão de Curso de Teatro – Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia-MG, 2025.

ABSTRACT

This research examines how Henri Bergson's theory of laughter can be applied to contemporary humor, which is prevalent on the internet, particularly in memes and short videos. The study is based on Bergson's view that laughter can function as a tool for social correction in the face of certain behaviors considered automatic. However, when exploring the digital space, it becomes clear that laughter on the internet has new functions and characteristics, such as fluidity, collective participation, and the possibility of social critique. Current authors such as Limor Shifman, Judith Butler, Vitor Chagas, Alexandre Werneck e Isabella Tavares Sozza Moraes help us understand how this digital humor goes beyond the rigidity of Bergson's theory, also becoming a form of communication, a new cultural language. Online humor finds a space for resistance, a place where people can show who they truly are, or at least who they want to appear to be on social media, and how they can construct that image. This research also highlights the social, political, and emotional role of laughter on the internet, showing that, more than correcting, online humor often asks questions, provokes, and also makes changes.

Palavras-chaves: Laughter, Henri Bergson, Digital culture, Memes, Social networks.

SUMÁRIO

Introdução.....	p.7
1. Henri Bergson e a teoria do riso.....	p.10
1.1. Contexto histórico e filosófico de Henri Bergson.....	p.10
1.2. A teoria do riso em <i>O Riso: Ensaio sobre a significação do Cômico</i>	p.11
1.3. A comicidade como algo exclusivamente humano.....	p.13
1.4. Insensibilidade e distância emocional.....	p.13
1.5 O cômico como imitação ou repetição em Bergson... ..	p.13
1.6. O cômico exige surpresa e deslocamento: o inesperado dentro do previsível.....	p.14
2. Humor contemporâneo e na internet.....	p.16
2.1. A ascensão dos memes, vídeos curtos e conteúdos colaborativos.....	p.16
2.2. A fluidez e a função social do humor online.....	p.18
3. O riso bergsoniano na internet.....	p.21
3.1. Característica do humor na internet.....	p.21
3.2 Aplicabilidade da teoria de Bergson.....	p.23
3.4. Padronização.....	p.23
3.5. Repetição.....	p.25
3.6. Correção social pelo humor.....	p.28
3.7. Limites da teoria de Bergson para explicar o humor digital.....	p.31
Considerações finais.....	p.44
Referências bibliográficas.....	p.46

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Os Melhores: “Você terminando comigo mas eu sou...”	p.18
Figura 2 - O riso através da identificação: quando a ansiedade vira meme	p.23
Figura 3: O <i>Meme</i> original de Expectativa x Realidade de Chico Buarque	p.25
Figura 4: <i>Meme</i> Expectativa X Realidade Acadêmica	p.25
Figura 5 – O <i>meme</i> de Drake como exemplo do humor padronizado e mecânico na internet	p.26
Figura 6: Katey Lorrell Duet	p.28
Figura 7 – Cartaz do filme <i>De Repente 30</i> (2004), comédia romântica que aborda o amadurecimento e o autoconhecimento	p.31
Figura 8 – Adaptação da capa do filme <i>De Repente 30</i> com o título <i>De Repente Cringe</i> , representando a mudança geracional nas gírias	p.31
Figura 9 – <i>Meme Distracted Boyfriend</i> (2015), usado como representação de dilemas contemporâneos de atenção ou interesse	p.33
Figura 10 – Adaptação do <i>meme Distracted Boyfriend</i> com a frase “Eu, rolês que eu combinei, ficar em casa”, refletindo o conflito entre vida social e conforto	p.34
Figura 11 – Dilma Bolada e o Brasil Engolindo a Copa: quando o meme vira realidade. Charge crítica de Carlos Latuff sobre a Copa de 2014 no Brasil	p.37
Figura 12 – Charge <i>O Gigante Acordou</i> , de (2013), com crítica à radicalização política nas manifestações brasileiras de Adriano Kitani	p.40
Figura 13: <i>Meme</i> de informação falsa	p.44
Figura 14: <i>Meme</i> que usa a desinformação como piada irônica	p.45
Figura 15: <i>Meme</i> sobre a quarentena	p.46

INTRODUÇÃO

Sou estudante de teatro na Universidade Federal de Uberlândia, tenho vinte e cinco anos e atuo como Criadora de conteúdo digital ¹na rede social Instagram há cerca de cinco anos. Em meus vídeos busco fazer as pessoas rirem de mim ou do que estou mostrando, o importante é que riam, e durante esse processo de me entender como influencer digital e perceber que muitas pessoas se identificavam e riam com o meu trabalho, surgiu em mim um interesse em entender melhor sobre o riso: O que faz as pessoas rirem? Por que elas acham graça em algumas coisas? E como o riso pode ter tantos significados diferentes para cada pessoa? Então, na busca de responder todas essas perguntas me deparei com um livro chamado “O Riso. Ensaio Sobre a Significação do Cômico” de Henri Bergson, que serviu como base para que eu pudesse ampliar o meu olhar para as variadas formas de comicidade que é tratado mais adiante.

E desde que estava no Ensino Médio, cursando integrado a Manutenção e Suporte à Informação ouvia falar de que a internet estava crescendo rapidamente e que no futuro seria um meio de comunicação em todas as áreas, podendo realizar inúmeras coisas. E percebo que a internet tem tido grande avanço desde 2000, e o riso também se inclui nesse meio. Então, escolhi estudar esse tema porque acredito que o riso não é algo simples, só como uma piada, mas também é uma forma importante de comunicação, de crítica e de reflexão, e dentro da internet o espaço para o riso até então é ilimitado. Nesse trajeto, também observei que muitas pessoas riam das minhas piadas sobre um certo assunto, sem perceber a crítica por trás delas. A risada foi a forma que eu encontrei para falar e criticar determinada situação. Então, guardei essa indignação para mim e resolvi estudar mais sobre o riso.

Atualmente, a gente vive cercado de humor na internet, por meio de *memes*, vídeos curtos, comentários, piadas que viralizam. É um universo muito grande e criativo, e me chamou atenção pensar se uma das teorias mais recorrentes sobre o riso, como a do filósofo francês Henri Bergson, ainda conseguem explicar essas novas formas de humor ou se existem novos métodos para analisar esse novo formato de gerar o riso. Por isso, decidi investigar como o riso bergsoniano pode ser aplicado (ou não) no humor na internet.

Na ótica de Bergson, o ato de rir indica um tempo social e cultural, porque o riso pode depender do lugar e das pessoas que riem. O jeito como rimos, o que achamos engraçado e do que podemos rir depende muito da sociedade em que vivemos.

¹ Criadora de conteúdo: pessoa que produz e compartilha vídeos ou outras produções para as redes

O riso pode ser bom, mas também pode ser perigoso, de acordo com o filósofo ele serve para punir as pessoas, corrigir comportamentos, mas também pode ser usado para excluir quem é diferente.

Considero que o riso aparece em vários lugares, no cinema, no teatro, nos textos literários e atualmente, está presente com muita força na internet. E tem se transformado e renovado constantemente, acompanhando as mudanças sociais. Dito isso, entender o riso é mais do que descobrir porque alguém ri de alguma coisa, mas perceber que ele está conectado com a forma como nos relacionamos uns com os outros, também se pode dizer que a comunicação virtual é considerada uma inter relação, que age de forma interativa, que busca a atenção das pessoas, e muitas vezes através do humor.

O humor digital ² cresceu bastante nos últimos anos, ainda mais com o avanço da tecnologia tão rápido. Hoje, qualquer pessoa com um celular na mão pode criar uma piada, um vídeo e espalhar ele em questão de segundos. É muito mais rápida repercussão nas redes sociais, as pessoas consomem humor de forma muito mais veloz nos dias de hoje. Antes não era todo mundo que tinha acesso ao teatro, cinema, televisão, livros. Agora, é muito mais fácil não só ter acesso a essas coisas, mas também participar delas e criá-las.

O humor digital também é mais rápido e presente, no sentido de transmitir mensagens atuais com mais velocidade, que surgem logo após o que acontece, sendo falsas ou verdadeiras, podendo viralizar ou não, que é quando algo se espalha de forma gigantesca chegando para vários públicos diferentes. Entretanto, esse crescimento tem questões que também merecem atenção, sobre os limites do humor, cancelamentos, discussões sobre ofensas e respeito, que falaremos disso mais para frente.

Assim, tendo tais reflexões em mente, me questiono: o riso bergsoniano ainda é capaz de refletir sobre as questões cômicas que surgem na internet?

Então, para desenvolver essa pesquisa, teve como base a leitura de autores como Bergson e Shifman e uma análise de conteúdos, como, *memes* e vídeos na internet. Primeiramente, realizei um estudo sobre a teoria do riso de Henri Bergson, do seu livro O Riso: Ensaio sobre a significação do cômico, marcando alguns conceitos principais, como, a mecanicidade, a repetição e a função social.

² Humor digital: tipo de humor feito e espalhado pela internet, como *memes* e vídeos engraçados.

Depois, fiz uma busca por autores contemporâneos que estudam o humor na internet, como, Limor Shifman, Viktor Chagas, Alexandre Werneck e Isabella Tavares Sozza Moraes. Depois disso, selecionei *memes* e conteúdos digitais que foram divulgados em plataformas como Instagram, TikTok, Twitter, Youtube, Páginas na Internet, entre o período de 2013 até 2025. Durante essa busca, considerei exemplos que representassem a minha pesquisa, tanto sobre a teoria de Bergson, como, os *memes* de padronização, quanto aqueles que contradizem sua teoria, como, o humor por identificação, emocional, de resistência ou crítica.

Essa pesquisa mostra a visão de Bergson sobre esses exemplos, mostrando semelhanças e contradições, trazendo também, outros autores que complementam e contestam a sua teoria mostrando limitações. Mas, de uma forma que contribui para pesquisadores atuais que estudam o riso, ao fazer essa comparação e ao mostrar outros pontos de vistas além da teoria original de Bergson.

Além da introdução e das considerações finais, este trabalho foi dividido em três capítulos. A Teoria do Riso de Henri Bergson, onde é apresentado o contexto histórico e filosófico das principais ideias de Bergson sobre o riso. Com o foco no conceito de mecanicidade, distância emocional e repetição.

Em seguida, é apresentado O Humor Contemporâneo na Internet, que explica o humor digital, mostrando a evolução dos *memes*, dos vídeos curtos e dos conteúdos criados coletivamente entre usuários conectados na rede de internet. Aqui, já é abordado a teoria de Limor Shifman sobre a linguagem e a propagação dos *memes* e exemplos de criadores de conteúdo sobre o riso digital fluir com facilidade, ser coletivo e também ser uma forma de crítica social e forma de se expressar.

Logo depois, neste capítulo expõe uma análise mais crítica, que traz as teorias citadas anteriormente com alguns exemplos práticos. Mostrando como Bergson explica episódios cômicos, como o de repetição e padronização dos *memes*. Mas, ao mesmo tempo, ele apresenta as limitações da teoria de Bergson para explicar o humor que depende de um envolvimento emocional, como, identificação, participação coletiva, resistência, constatando que a visão de Bergson precisa ser completada por autores atuais.

1. HENRI BERGSON E A TEORIA DO RISO.

1.1. Contexto histórico e filosófico de Henri Bergson

Henri Louis Bergson (1859-1941) foi um filósofo francês muito importante da sua época, principalmente no final do século XIX e começo do século XX. Ele nasceu na cidade de Paris em 18 de outubro de 1859 e cresceu em um ambiente intelectualizado, em que a leitura, a busca por conhecimento e o desenvolvimento de um pensamento crítico eram valorizados e incentivados, o que pode moldar a forma como uma pessoa enxerga o mundo. Ele estudou nas melhores escolas desde sua infância até se formar em filosofia e se tornar professor. No ano de 1927, ganhou o Prêmio Nobel de Literatura, sendo homenageado pela forma como pensava e pela forma como escrevia suas ideias.

Bergson se destaca pelo seu pensamento, porque ele vivia numa época que houve várias mudanças e ele não se prendia a elas. A indústria crescia cada vez mais, todas as cidades estavam crescendo e ficando maiores e a tecnologia sempre avançando muito rápido. Em resumo, a ciência e o positivismo dominavam o momento, ou seja, as pessoas valorizavam a razão, defendendo que a única verdade é a que vem da ciência, querendo explicar tudo que acontecia no mundo com leis naturais, experimentos, raciocínio lógico, negando qualquer outra explicação. Ou seja, tudo aquilo que era experimentado, testado e comprovado era verdade. Mas Bergson pensava um pouco diferente, crítico ao positivismo, ele achava que não dava pra entender tudo exclusivamente pela ciência, ele defendia que para entender tudo que acontece na vida, era necessário usar a intuição, pra sentir e perceber as coisas no coração, não só na cabeça, na perspectiva intelectual.

Ou seja, enquanto o positivismo queria provar tudo, Bergson queria sentir e ver a vida como ela era, ele se desvinculou de uma visão exclusivamente intelectual e também levou o sentido da vida para uma visão filosófica e subjetiva, querendo dizer que só a ciência não pode explicar tudo sobre a vida, sobre sentimentos profundos e até mesmo sobre o humor. E uma de suas obras que é apresentada como um dos principais focos deste trabalho está muito ligada com esse pensamento de Bergson, a obra *O Riso*, que falaremos adiante.

1.2. A teoria do riso em *O Riso: Ensaio sobre a significação do Cômico*³

Na sua obra *O Riso* publicada em 1900, Henri Bergson tenta explicar de uma forma filosófica o que gera o riso e a função dele na sociedade, ele não fala sobre qual piada é engraçada ou não, ou o que é engraçado, mas ele mostra uma forma de entender como alguma coisa pode ser engraçada e porque ao perceber isso as pessoas riem.

A ideia central de Bergson é quando percebemos que o “mecânico se sobrepõe ao vivo” tem-se o riso. Quando notamos algo rígido ou automático em pessoas ou situações que deveriam ser vivas ou naturais a percepção deste choque cria um efeito risível.

Por exemplo, há uma história no livro chamado *Teeteto*, que foi escrito por Platão⁴, que ilustra bem essa situação. Ele conta a história que Tales de Mileto, um dos primeiros filósofos, estava andando e olhando para as estrelas, e ele estava tão focado olhando para o céu, que caiu num buraco. Uma mulher que viu isso achou engraçado e riu dele.

Observando esta situação na ótica de Bergson, ela é engraçada porque vemos e percebemos algo que deveria ser vivo e natural, mas está rígido e mecânico ou automático⁵, e essa “surpresa” causa o riso. Nesse caso de Tales, ele estava tão concentrado pensando, que agiu de forma “mecânica”, sem perceber o que tinha adiante dele. Então, a mulher da Trácia que viu, riu porque percebeu esse erro, a sua falta de equilíbrio entre o pensamento e a ação. E essa situação mostra exatamente o que Bergson fala, o riso aparece quando percebemos o choque da rigidez mecânica sobreposta ao que deveria ser vivo e atento. Por isso, também serve como correção, para as pessoas perceberem que estão agindo de forma automática e voltarem a ser mais naturais. O que nos leva à ideia central da teoria de Bergson, que o riso surge quando o “mecânico se sobrepõe ao vivo”. (BERGSON, 2001, p.17).

³ BERGSON, Henri. *O riso: ensaio sobre a significação do cômico*. Tradução de Paulo Neves. São Paulo: Edipro, 2021.

⁴ Em *Teeteto*, Platão conta que Tales de Mileto caiu num buraco enquanto olhava para o céu, distraído com seus pensamentos. A história é narrada por Sócrates para mostrar como os filósofos às vezes se afastam das tarefas do dia a dia. Cf. PLATÃO. *Teeteto*. Tradução de Carlos Alberto Nunes. Belém (PA): Universidade Federal do Pará, série Farias Brito, 3ª ed., 2001.

⁵ Essa ideia está ligada ao conceito central de Bergson de que o cômico nasce do “mecânico sobreposto ao vivo”, ou seja, de movimentos automáticos e repetitivos que desviam da normalidade esperada nos seres humanos. (Veja: BERGSON, 2021, p. 10–11).

Um outro exemplo é o que ocorre com o personagem Charles Chaplin no filme *Tempos Modernos*. Na cena que Chaplin está trabalhando na linha de montagem, apertando parafusos durante muito tempo, repetindo sempre o mesmo movimento com os braços.⁶ E quando ele sai da fábrica depois do seu horário de serviço, ele continua fazendo o mesmo gesto sem perceber, tentando apertar os botões das camisas de pessoas desconhecidas na rua. Essa cena é engraçada porque o personagem perde totalmente o controle do seu corpo e não percebe que está agindo de forma automática, não é o ato de agir assim que é engraçado, é o fato de percebermos que isso aconteceu, que o mecânico se sobrepôs ao vivo, ou seja, quando percebemos que uma pessoa que deveria agir de maneira natural, age de forma automática, ou mecânica, o que gera o riso é a surpresa antes de perceber essa contradição.

Além disso, Bergson fala que o riso também tem uma função social, que serve para corrigir esse tipo de comportamento, como se tivesse chamando atenção das pessoas que estão distraídas demais. Como se esse riso fosse usado como uma educação moral, mostrando o que é considerado normal e aceitável pela sociedade.

Para ele, o riso também serve para corrigir comportamentos, ou seja, o riso tem aqui uma “função social” (BERGSON, 2001, p. 7), sendo usado como forma de manutenção da ordem, e lembrar as pessoas de que elas precisavam agir como humanos e não como uma máquina.

Bergson fala aqui que o riso serve como um “castigo social leve”, ele corrige alguns comportamentos fora do que é esperado, uma das formas dele ver o riso é como um papel importante para manter a ordem das pessoas na sociedade. “O riso tem sempre uma significação social.” (BERGSON, 2001, p.9). O riso atua como um mecanismo de correção social, punindo comportamentos desviantes de maneira sutil: “A sociedade trata com o riso certas faltas leves, com o fim de impedir que se tornem graves.” (BERGSON, 2001, p. 93).

Segundo ele, o riso serve como forma de vigilância social, quando alguém faz algo que foge do que é considerado normal, a sociedade responde com piadas, zombarias, risadas, como uma forma de mostrar que aquele comportamento está fora do

⁶ O humor do filme *Tempos Modernos* nos mostra essa mecanização de uma sociedade puramente industrial, que Bergson critica esse comportamento rígido e repetitivo, mostrando que ao perceber essa automatização o riso acontece, como uma forma de mostrar esse desvio natural de agir. (Confira: BERGSON, 2001, p.17-18).

esperado. Em vez de penalidades legais ou morais, a pessoa acaba sendo exposta ao ridículo, sendo colocada no centro de piadas, como um pequeno escândalo necessário. O que pode levar a um constrangimento que faça a pessoa repensar sobre suas próprias atitudes e mudar de comportamento.

A estrutura do texto do livro de Bergson não é dividida por capítulos, ele é escrito como um ensaio, que é uma reflexão sobre um tema e que uma parte liga a outra, então, seguiremos com tópicos importantes sobre suas principais ideias geradoras do riso e seus significados.

1.3. O cômico como algo exclusivamente humano

“O riso é um fenômeno propriamente humano. [...] Certos animais, certos objetos podem nos fazer rir, mas somente na medida em que evocam uma figura humana ou provocam, por hábito ou por imitação, gestos humanos.” (BERGSON, 2001, p. 12.)

Aqui Bergson é muito claro quando diz que o riso é uma coisa dos seres humanos, os animais não riem como nós, ele fala que quando rimos de um animal ou de algum objeto, é porque identificamos algum comportamento ou forma humana. Um exemplo muito simples, é um cachorro andando de roupa, pode ser engraçado porque imita hábitos humanos.

1.4. Insensibilidade e distância emocional

Bergson diz que para que haja riso, é necessário estar um pouco distante emocionalmente da situação, ou seja, não podemos estar comovidos ou com pena, ele diz que sentimentos como compaixão, por exemplo, são obstáculo ao riso. Por isso, o riso requer um “endurecimento” temporário do coração, ele chama isso de “anestesia momentânea do coração.” (BERGSON, 2001, p.14.). “O cômico exige, para produzir todo o seu efeito, algo como uma anestesia momentânea do coração.”

No livro, Bergson usa um exemplo de alguém escorregando e caindo. Isso gera o riso porque percebemos algo mecânico, ao escorregar e cair, no movimento, mas só rimos se não ficarmos com pena, por exemplo, se a queda for séria e a pessoa que caiu machucar, não rimos, porque tivemos empatia.

1.5. O cômico como imitação ou repetição em Bergson

De acordo com Bergson, o riso é provocado quando o corpo humano tem comportamentos mecânicos, perdendo a sua espontaneidade. Por exemplo, uma imitação é engraçada porque alguém se torna previsível de alguma forma, e só de imitar alguém, isso já é engraçado, porque imitar alguém, é copiar os gestos dessa pessoa. Mas porque a imitação tem a ver com o mecânico? Bergson responde que: “A atenção da vida está voltada para o que não se repetirá jamais.” (BERGSON, 2001, p.31). ⁷Em outras palavras, a vida não deveria se repetir nunca. A vida bem vivida é impossível de ser imitada. É uma continuidade que continuamente se inventa. Então, quando ela começa a cair em uma cópia de si mesma, ela se torna engraçada. A questão é que quando o mecânico se sobrepõe ao vivo, se torna engraçado. “Imitar alguém é mostrar o que nele há de mecânico” (BERGSON, 2001, p.29). Em resumo, imitar alguém é engraçado porque mostra como aquela pessoa faz sempre as mesmas coisas de forma automática. E para Bergson, rimos quando percebemos isso.

Também para Bergson, umas das principais fontes geradoras do riso é a repetição, quando vemos alguém agindo de forma repetitiva ou automática, cria um contraste com o que esperamos de um movimento natural. Muitas coisas são engraçadas só de alguém repetir várias vezes. Podemos ver isso nessa analogia popular: uma pessoa distraída que sai de casa e volta pra conferir se tirou o ferro da tomada, sai de casa e volta pra conferir se apagou a luz, sai de casa e volta pra conferir se desligou o feijão, na terceira vez alguém vendo essa cena já estaria rindo porque percebeu que a pessoa ficava repetindo esse movimento de entrar e sair da porta várias vezes sem conseguir ir embora. Esse ato em si não é engraçado, mas dependendo da maneira como é efetuado e pela forma de perceber, ele começa a se tornar engraçado. E é justamente isso, que provoca o riso.

1.6. O cômico exige surpresa e deslocamento: o inesperado dentro do previsível

O riso, de acordo com essa análise, nasce quando algo acontece de forma diferente do que é esperado: Nesta paráfrase da ideia de Bergson sobre o conceito de repetição mecânica, que é quando um comportamento se repete de forma automática, como se fosse uma máquina, ao invés de ser flexível como um ser vivo, diz: “Sempre que há um arranjo de formas ou ideias que se repetem mecanicamente com alguma variação inesperada, o espírito se diverte – e ri.” (BERGSON, 2001, p. 13). E a variação

⁷ Para Bergson, o riso acontece quando vemos algo se repetindo de um jeito diferente do que seria normal. Esse contraste entre o que se espera e o que acontece de verdade faz rir.

inesperada, serve para destacar ainda mais essa rigidez, que pode surpreender o observador e ter por consequência o riso. Continuando, essa frase nos mostra que na quebra de expectativa nasce o riso, por exemplo, uma pessoa cair do nada pode ser engraçado, porque a gente não espera. Mas, isso também acontece com palavras ou ideias, como em piadas com trocadilhos ou finais inesperados.

Bergson diz que só repetir algo não é engraçado por si só. O que faz a gente rir é quando, no meio da repetição, da expectativa, vem uma mudança inesperada. Um exemplo disso é no seriado Chaves. Um personagem que toda vez que entra em cena tropeça na porta. Quem assiste a cena começa a esperar por isso, mas, na quinta vez, ele entra certo pela porta e só tropeça quando vai sentar no sofá, de um jeito ainda mais desajeitado. Trouxe esse exemplo porque representa justamente essa quebra de expectativa, essa quebra de rotina que gera a graça. É um jogo entre o esperado e o inesperado, entre o padrão e a surpresa, que diverte o espírito – como diz Bergson.

Ainda mais, essa técnica é muito utilizada nas piadas e trocadilhos.⁸ A frase começa indo numa direção lógica, quando de repente termina com um sentido totalmente diferente, pegando a pessoa de surpresa. A graça está bem nessa virada. Em resumo, o humor não está só no que é dito ou feito, mas em como a gente percebe as coisas que são ditas e feitas. O riso nasce quando nossa mente reconhece um padrão e de repente ele é quebrado. Essa surpresa tira a gente da rigidez do que é esperado, e aí o riso pode acontecer.

Embora Bergson tenha estudado outros aspectos do cômico no seu livro, como, a interferência de séries de ideias, a inversão de papéis e as formas de humor relacionada a linguagem, os elementos de repetição e do mecânico sobre o vivo, são a meu ver os princípios centrais da sua teoria sobre o riso. Por esse motivo, eles também servem de base para entender outras formas do riso, e também são o foco para análise desta pesquisa.

⁸ A técnica de brincar com o que esperamos e o que acontece de inesperado no final, como em um trocadilho, é fundamental para gerar o riso. (Veja nesta obra de BERGSON, 2001, p. 25–27).

2. HUMOR CONTEMPORÂNEO NA INTERNET

2.1. A ascensão dos *memes*, vídeos curtos e conteúdos colaborativos

Nos últimos anos, os *memes*, os vídeos curtos e os conteúdos colaborativos ganharam muito espaço na internet. Eles estão no que é conhecido como cultura digital, que alterou a forma de comunicação, de rir e até de estar a par dos acontecimentos sociais.

Basicamente, os *memes* são imagens, frases ou vídeos curtos que se propagam rapidamente pelas redes sociais. Podem ser engraçados, mas também podem ser uma crítica social. É uma nova forma de comunicação dentro da internet, são fáceis de entender, de copiar e de editar.

A pesquisadora Limor Shifman diz que os memes não são só piadas, eles são uma forma de comunicação coletiva:

Os memes da internet não devem ser vistos como entidades únicas que se propagam por conta própria, mas sim como grupos de unidades de conteúdo que compartilham características em comum. Os memes se espalham porque convidam à participação — são uma forma de as pessoas se expressarem e se comunicarem com outras por meio de uma linguagem cultural compartilhada. (SHIFMAN, 2014, p. 18, tradução nossa)⁹

Então, várias pessoas podem criar, adaptar do seu jeito e compartilhar novamente, gerando uma forma de conversa livre.

Já os vídeos curtos, ficaram muito famosos com as plataformas como Tik Tok, Instagram Reels e YouTube Shorts, são vídeos de poucos segundos que tem a intenção de prender a atenção das pessoas, são muito compartilhados justamente porque são rápidos¹⁰, alguns são fáceis de fazer e tem muita chance de viralizar. Esse formato de conteúdo é muito usado principalmente para o humor, mas também, como já citado, para criticar. E é preciso levar em consideração os algoritmos desses aplicativos que ajudam ou não, os vídeos a chegarem para mais pessoas em pouco tempo.

⁹ “Internet memes should not be viewed as single entities that propagate themselves, but rather as groups of content units that share common characteristics. Memes spread because they invite participation—they are a way for people to express themselves and communicate with others in a shared cultural language.” (SHIFMAN, Limor. *Memes in Digital Culture*. MIT Press, 2014. p. 18).

¹⁰ Plataformas como Tik Tok, Instagram Reels e YouTube Shorts deixaram os vídeos curtos muito famosos. Como são rápidos e fáceis de fazer, esses vídeos se espalham com muita facilidade, principalmente quando são engraçados.

E também tem a colaboração, que é muito importante e um diferencial na internet. Aqui o público não fica apenas assistindo, ele pode colaborar criando e transformando esses conteúdos que já estão na rede. Por exemplo, um *meme* ou um vídeo que está em alta, pode ser recriado várias vezes de formas diferentes por cada pessoa, de forma que cada um coloca sua personalidade ou opinião ali. Como Limor Shifman explica, os memes se multiplicam porque incitam a participação e a recontextualização. Eles não são apenas algo estático, mas são várias “unidades de conteúdos” (SHIFMAN, 2014, p. 18.), que gera um meio de comunicação na rede. Então, o meme “Você está terminando comigo, mas eu sou tal coisa”, que veremos adiante, é um exemplo dessa ideia na prática.

Seguindo, o modelo do meme original serve como base para criar esse “diálogo”, o que Shifman chama em seu livro *Memes in Digital Culture* de “modelo reutilizável” (SHIFMAN, 2014, p. 18 – 21.). Nesse exemplo, é criado um diálogo de término de relacionamento, mas que é surpreendido por uma resposta aleatória no final, como, “Você está terminando comigo, mas eu sou um golfinho”, é um *meme* em que uma pessoa começa chorando e depois diz uma frase aleatória e fora de contexto sobre uma habilidade ou semelhança de algo que ela consegue fazer ou parecer, quebrando o sentido da frase e gerando o cômico. No caso aqui narrado, a pessoa começa chorando e termina imitando os sons de um golfinho. Ou seja, a graça aqui não está só na frase, mas no jeito que as pessoas cocriadoras se apropriam dela e refazem no seu próprio contexto.

Ou seja, existe o “modelo do conteúdo que foi compartilhado” (SHIFMAN, 2014, p. 18.), onde a base do *meme* é ele ser justamente recriado, em que as pessoas usam no começo. E depois vem a “participação e variação” (SHIFMAN, 2014, p.18), onde acontece a propagação do *meme*, que ela chama de “plataforma para a criatividade individual”, (SHIFMAN, 2014, p. 18), em que cada usuário cria a sua versão, sem copiar, mas acrescentando algo próprio, participando ativamente da repercussão do *meme*, onde há várias substituições, como, “Você está terminando comigo, mas eu sou um helicóptero”, por exemplo, então, a pessoa se encontra chorando e de repente do final começa a fazer o barulho de um helicóptero com a boca, o que muda o sentido real da frase e traz a comicidade no final, incentivando ou convidando cada vez mais as pessoas participarem também mostrando alguma habilidade individual da pessoa. Entrando no que Shifman mostra sobre a “linguagem cultural compartilhada” (SHIFMAN, 2024,

p.18 – 21). Em que a piada se torna um código de comunicação entre várias pessoas. Então, entender como o meme está funcionando e participar dele e das suas mudanças, significa que quem participa faz parte dessa comunidade online em relação a essa piada. Assim, também mostra a capacidade de cada um de criação e variação. E um ponto importante é que esse meme não se espalhou por acaso, um dos motivos dele crescer muito rápido é justamente essa participação coletiva, que ele, como Shifman (2014, p.18) falou “convida a participação”. Concluo então, que uma característica do humor digital é a coletividade, feito por muitas pessoas. Segundo essa criação referente a um vídeo feito por Usuários da Internet (*Pov: Você tá terminando comigo mas eu sou...*, 2025)¹¹, demonstra que o humor digital agrega práticas de criações individuais que se juntam coletivamente em uma criação, se tornando uma obra coletiva, mas não necessariamente um efeito de bola de neve, que seria uma ação que leva a outra e que tende a crescer cada vez mais se tornando como o próprio nome diz, uma bola de neve.

Figura 1: “Pov: você terminando comigo mas eu sou...”



Fonte: Instagram, 2025.

Acesse o vídeo referente a imagem [clikando aqui](#).

2.2. A fluidez e a função social do humor online

O humor na internet tem duas características importantes, ele é fluido e tem uma função social, e isso vai além do que simplesmente rir. Ao falar que o humor online é fluido, significa que ele está se transformando o tempo todo, o humor na internet é feito

¹¹ Vídeo. “Pov: você tá terminando comigo mas eu sou...”. Instagram: @biologia_facil. 15 jan. 2025. Acesso em: 3 set. 2025.

por qualquer pessoa. Por exemplo, um *meme* que teve origem de uma determinada página, pode ser modificado por alguém e virar outra piada, ou um *meme* pode ser criado em um país, e ser adaptado em outro, e ser compartilhado e modificado novamente, tudo isso em questão de poucas horas.

Segundo Limor Shifman (2014), os *memes* são entendidos como: “grupos de unidades de conteúdo que compartilham características em comum” e que “se espalham porque convidam à participação” (p. 18). Ou seja, o humor digital é fluido, porque não tem um único criador, ele vai mudando de acordo com o contexto, as pessoas e o momento que está sendo compartilhado.

Além disso, o humor digital também pode possuir uma função social. E uma delas que já foi citada é de aproximar as pessoas, quando achamos engraçado a mesma piada, cria-se um laço temporário, como quem diz, “eu me identifico com você”, ou “eu também penso assim”. Desse jeito, o humor forma grupos, comunidades, onde as pessoas se sentem pertencentes a algum lugar, e acredito que existe no ser humano, mesmo que instintivamente, essa busca por pertencimento, e o riso nesse contexto, supre essa necessidade.

Outra função possível é a crítica social, onde *memes*, vídeos são usados pra comentar e debater sobre assuntos sérios, como, por exemplo, racismo, homofobia, desigualdade, política e informações falsas. Aqui, é usado o humor de uma forma descontraída para falar sobre algumas coisas que estão erradas no mundo.

Nessa mesma linha, a filósofa Judith Butler (2018), embora não fale diretamente sobre o humor nas redes sociais, pode completar esse pensamento. No seu livro *Corpos em aliança e a política das ruas*, ela fala que o riso é performativo¹²: “O performativo [...] não é apenas uma fala que faz o que diz, mas também um ato que expõe as condições do seu próprio surgimento.” (BUTLER, 2018, p. 43). Isso significa que esse tipo de riso que critica algo, como, leis, política, opressão, que questiona algo de errado, ele está sendo performativo, não é só para rir, mas pra criticar, claro que na intenção de transformar, nesse sentido pode-se dizer que ele é também um ato de despertar. Nas Artes Cênicas, o conceito de performatividade vai além do ato da performance, é um meio de gerar efeitos reais através das ações, da linguagem, dos gestos, das falas, para criar novas realidades, ao invés de só reproduzir a realidade em si.

¹² A filósofa Judith Butler usa o termo “performativo” com base nos estudos de linguagem de Jhon Langshaw Austin, um filósofo britânico. No contexto político e social, o riso performativo não é só uma forma de expressão, ele também é uma ação porque questiona algumas regras, mostra injustiças e também pode ajudar a mudar a sociedade para melhor.

Como já foi dito, o humor digital cria comunidades, e é a partir delas que as pessoas mostram seus gostos, a partir do momento que escolhem certos tipos de *memes*, ou vídeos que compartilham, curtem, comentam, elas estão manifestando suas afinidades, compatibilizando com outras pessoas, nas redes sociais também funciona o ditado popular que “semelhante atrai semelhante”.¹³ O humor aqui funciona como expressão da personalidade de vários grupos. Seguindo nessa linha, o humor também serve como alívio emocional, que também falaremos adiante, ele é usado em momentos difíceis, de uma forma mais ampla, como durante a pandemia, por exemplo, muitas pessoas fizeram piadas sobre a situação como forma de lidar com aquela situação. E em situações que isso acontece e é compartilhado com outras pessoas gerando o riso, faz com que aquela situação pareça mais fácil de aguentar. Então, o humor digital é muito mais do que só fazer rir, ele também pode ser usado para se comunicar, pra se expressar, e também como força para lutar.

¹³ A frase popular reflete o mecanismo dos algoritmos das redes sociais, que conectam usuários com base em comportamentos semelhantes — curtidas, comentários, compartilhamentos — formando assim comunidades de interesse e afinidade.

3. O RISO BERGSONIANO NA INTERNET

3.1. Característica do humor na internet

Nas redes sociais, o riso está em boa parte, nos *memes*, nos vídeos, em piadas, nos comentários. A ideia de Bergson sobre o riso pode se encaixar em várias formas de humor na internet. Por exemplo, os *memes* com pessoas caindo ou passando vergonha, cometendo erros, sendo muito exageradas, distraídas e até ridículas, são engraçados porque mostram essa surpresa nas coisas que acontecem, e essa forma de acordar pra realidade porque estavam agindo de forma automática. Na internet também tem os *memes* que se repetem, a mesma piada adaptada para várias situações e de formas diferentes, também são engraçadas por causa dessa repetição quase que previsível. Os vídeos curtos com os movimentos exagerados, tudo isso combina com o que Bergson fala sobre o gerar o riso quando percebemos o “mecânico sobreposto ao vivo” (BERGSON, 2001, p.17).

Por exemplo, “falhas épicas”, que são basicamente a versão moderna e digital das “Cassetadas” da televisão. A ideia é a mesma, são vídeos curtos que mostram pessoas em situações engraçadas e desastrosas, tipo, caindo, se machucando de forma leve ou só cometendo erros. A diferença é que as vídeos cassetadas eram reproduzidas na televisão, e as falhas épicas são gravadas por qualquer pessoa em qualquer lugar, e tem uma repercussão imediata nas redes sociais, como no Youtube, no Instagram, também transformando o observador em colaborador, espalhando o conteúdo.

Mas o humor na internet não é só isso, o humor virtual não depende do distanciamento e da anestesia do coração que Bergson fala, mas muitas vezes da identificação e da emoção, porque muitas vezes o humor digital é baseado em interações rápidas que nas maioria das vezes é gerado pela conexão e identificação ao invés da indiferença, mas apesar de tudo, isso não anula o fato de haver também na internet, humor gerado pelo distanciamento, só não depende dele, mas não descarta a possibilidade. Por exemplo, as piadas que ganham grande repercussão são piadas que geram identificação, como, *memes* sobre as coisas do dia a dia e sobre sentimentos, ansiedade, cansaço, insegurança, essas coisas fazem várias pessoas rirem porque elas se sentem compreendidas quando assistem. O humor na internet também trata de assuntos difíceis, como luto, saúde mental, nesses casos, o riso não elimina o sentimento, mas ajuda a aceitar e a aliviar um pouco a dor por meio do cômico.

Figura 2: O riso através da identificação: quando a ansiedade vira meme

Eu indo parar em outro
país porque fiquei com
vergonha de pedir pro
motorista parar:



Fonte: REDDIT, 2013.

Como o *meme* “eu indo parar em outro país porque fiquei com vergonha de pedir pro motorista parar” é um meme exagerado que funciona exatamente pela identificação emocional. A lógica por trás da piada é o exagero (ir para outro país), que é um exagero intencional tornando mais engraçado, onde transforma a ansiedade em algo leve. E a piada mostra o sentimento de quem já passou por uma situação parecida, como alguém tímido que ficou com vergonha de dizer coisas simples como, “com licença”, e outras pessoas com esse sentimento de medo de “incomodar” ou de errar. Esse riso destaca o comportamento de pessoas que agiriam igual, reconhecendo que “eu faria exatamente isso” ou “já me senti assim”. Também, é um riso que traz um alívio, aqui em relação a ansiedade social, esse tipo de humor alivia um pouco a tensão coletiva, mostrando que existem pessoas com esses sentimentos e rindo juntos da situação. Então, esse humor na internet é apoiado na conexão emocional do sentimento, ao invés da frieza e do distanciamento.

Em resumo, a teoria de Bergson ajuda a entender muito do humor na internet, como, movimentos automáticos e repetição. Mas ela não explica tudo, porque muito do humor na internet precisa da emoção, da identificação e da conexão entre as pessoas. A teoria de Bergson é útil, mas precisa ser completada por outras ideias que surgiram sobre o significado do papel do riso hoje.

3.2 Aplicabilidade da teoria de Bergson

Para demonstrar situações dentro das redes sociais que dialogam com a teoria do riso de Bergson, aqui estão alguns pontos principais que fazem sentido para esse trabalho em relação ao que está sendo analisado. Embora existam muitos tópicos interessantes que poderiam ser explorados, é necessário manter o foco dessa pesquisa para poder aprofundar a discussão. Então, essa análise estará sempre ligada ao tema principal, sobre descobrir se a teoria bergsoniana sobre o riso é capaz de explicar as novas formas de humor digital, desse jeito, evitando assuntos que vagueiam da finalidade desse trabalho. Pensando nisso, recortei algumas partes de sua teoria para uma análise mais consistente com meus objetivos, buscando um caminho mais focado para chegar aos resultados.

3.4. Padronização

Os memes com o formato padronizado na internet representam Bergson¹⁴, são engraçados porque usam a mesma fórmula, modelo ou imagem para várias situações diferentes. É quase uma forma de renovar a criatividade usando um modelo de base, repetindo várias vezes em novos contextos. É algo antigo que se renova, e um exemplo para melhor entendimento é basicamente aquele formato com duas imagens comparando “expectativa” e “realidade”.

No formato padrão (mecânico), é uma estrutura fixa, uma imagem de “expectativa”, de algo idealizado, e uma imagem de “realidade”, de algo que vai contra a expectativa de forma engraçada. Aqui tem o elemento da repetição, que é o gerador do riso, não somente o conteúdo/contexto de cada meme, mas essa fórmula que é sempre a mesma, que ao ver já sabe a ideia por trás do conteúdo, por isso é engraçado, porque é previsível.

Figura 3: O *Meme* original de Expectativa x Realidade de Chico Buarque

¹⁴ Segundo Bergson (2001), a gente ri quando percebe algo rígido ou automático onde deveria ser natural. Nos memes com formato repetido, essa repetição de um mesmo modelo faz a gente rir justamente porque tudo fica previsível e automático, como uma fórmula que se repete.



Fonte: ConJur, 2017.

Figura 4: *Meme Expectativa X Realidade Acadêmica*



Fonte: Hugo Gloss, 2022.

Na imagem do Chico Buarque como exemplo, na expectativa uma foto clássica dele, jovem, com a legenda “O semestre tá acabando”. A imagem mostra alegria, alívio. E na realidade, uma foto dele com uma expressão sério, desencantado e a legenda, “O próximo vai ser muito pior”.

A piada funciona porque a imagem viva de uma pessoa usada de forma mecânica e repetitiva para uma situação previsível (no próximo semestre ele vai ter mais trabalho). A graça está também na repetição desse formato e pelo contraste das duas imagens, que representa o “mecânico sobreposto ao vivo” de Bergson, mas adaptado para o humor na internet.

Outro exemplo que ilustra bem essa ideia é um com duas imagens do rapper Drake tiradas do clipe “Hotline Bling”, onde na primeira imagem ele faz cara de reprovação, pra alguma coisa que ele não quer, e no segundo, ele sorri, pra algo que ele gosta. Nisso, as pessoas começaram a usar o formato da imagem para comparar duas situações ou duas escolhas, sempre com o mesmo modelo, algo ruim em cima, algo bom embaixo, ou seja, essa imagem é repetida automaticamente apenas alterando o texto. Aqui é importante observar que não é apenas o conteúdo do texto que o torna engraçado, mas a repetição do modelo.

Figura 5: O meme de Drake como exemplo do humor padronizado e mecânico na internet



Fonte: Drake, 2015.

Essa imagem foi adaptada do videoclipe *Hotline Bling* (2015), bastante usada como meme no meio digital. Mas o que isso tem a ver com Bergson? O meme do Drake é o padrão mecânico e previsível, com conteúdo diferentes, e o interessante é justamente usar o mesmo modelo (padrão) para qualquer coisa (repetição), aqui o foco não está no que ele está aceitando ou rejeitando, mas na fórmula que se repete. E existem vários outros modelos diferentes nas redes sociais que são usados da mesma forma com a intenção de gerar o riso.

3.5. Repetição

Bergson usa a expressão “bola de neve” no seu livro como uma metáfora para exemplificar o efeito mecânico que se acumula e aumenta, gerando uma comicidade

cada vez maior. Essa ideia também está relacionada a repetição, acumulação e rigidez. No capítulo 1 do seu estudo, ele mostra outras metáforas (que ele chama de brinquedos), como o boneco de mola (que salta de uma caixa), os soldadinhos de chumbo (que caem um após o outro) e o castelo de cartas (que desmorona num efeito dominó), tudo isso para ilustrar a rigidez, a repetição e mecânica como fonte do riso. E na internet, esse efeito “bola de neve” também explica a ideia de repetição em *memes*, vídeos remixados.

Bergson fala que o riso cresce quando uma ação engraçada se repete ou fica cada vez mais complicada, como uma bola de neve descendo ladeira abaixo e crescendo cada vez mais. Em suas palavras: “A cada nova repetição, a comicidade cresce. Torna-se mais visível, mais sensível.” (BERGSON, 2001, p.43). Então, esse efeito de “bola de neve”, que é quando uma situação começa pequena e simples e vai crescendo e crescendo e acumulando várias coisas, erros, repetições, e tudo fica exagerado, e maior a cada repetição, o que torna tudo muito mais engraçado cada vez mais.

Quando Bergson fala sobre a repetição do cômico consigo traçar conexões com os estudos de Limor Shifman em relação aos *memes* digitais. O que Bergson fala sobre o crescimento do riso a cada nova repetição, Shifman mostra como a padronização e a variação são características determinantes para a viralização de um vídeo/*meme*. Logo, ambas as visões concordam que o riso prospera com a repetição de um formato físico.

Agora, trazendo para a o humor na internet, que pode se dar da mesma forma, no mundo dos memes, a “bola de neve” seria o modelo padrão, um vídeo, uma imagem, um molde, que se torna a base para inúmeras criações e recriações.

Um bom exemplo é o vídeo “*Stayin Alive duet with*”, que mostra esse humor digital que é construído coletivamente, de forma colaborativa, funcionando como uma bola de neve. O conteúdo usa a música “*Stayin Alive*” dos Bee Gees como padrão, usando o ritmo da música sincronizado com outros movimentos de outras pessoas. Essa música funciona como um meio que conecta com outros vídeos, deixando livre para que cada nova criação se encaixe no mesmo ritmo da música.

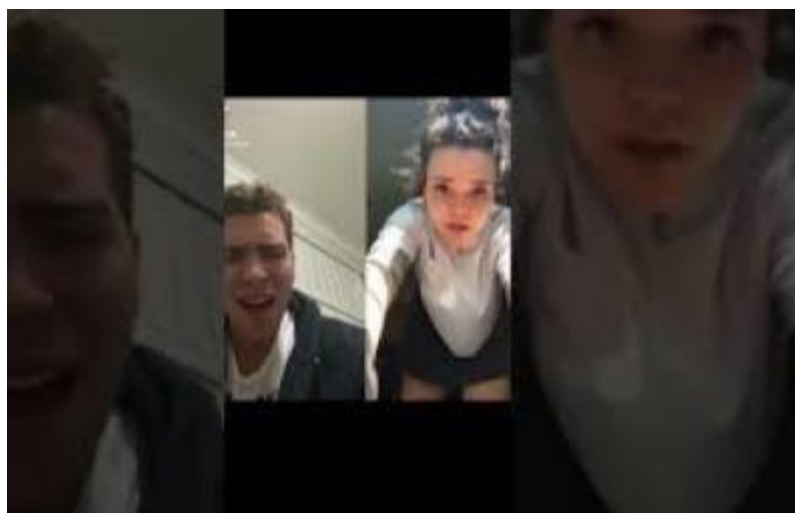
O meme original surgiu a partir de uma desatenção da pessoa no vídeo inicial, que ao bater as costas de forma inesperada emite um som semelhante a uma parte da música “*Stayin Alive*”. Então, esse acontecimento gerou essa base cômica, que outras

peessoas remixam com outras músicas que também tenham o som semelhante ao do vídeo.

Começa com o vídeo original, depois mostra um dueto, em que duas pessoas estão simultaneamente na tela, nesse caso, o vídeo base e ao lado alguém cantando alguma música, mas o humor surge do contraste entre as interpretações individuais e da sincronização com o ritmo da faixa do vídeo base. E à medida que novas pessoas contribuem criando novas versões, colocando até sua personalidade em gestos, expressão ou elementos, a piada fica cada vez mais engraçada, tornando o vídeo divertido.

E a parte da edição dos vídeos, os cortes rápidos e a transição quase que exata aumenta a chance do cômico e da sincronia. E com a repetição que traz sempre algo novo, cria uma expectativa que também reforça o cômico. Então, o vídeo não é só engraçado pelo conteúdo inicial, mas principalmente pelo fato de ser uma construção coletiva, mostrando também que na internet, um conteúdo colaborativo tem grande potencial de se tornar viral, em que cada contribuição nova fosse como uma inovação da piada, que começou por um simples erro humano.

Figura 6: Vídeo Kate Lorrell Dueto



Fonte: YouTube, 2022.

Acesso ao vídeo acima [clikando aqui](#).

Shifman (2014), completa a ideia de que a propagação dos *memes* não acontece só pela cópia, mas pela “variação” de formas. Os usuários pegam o modelo padrão e adaptam, colocando a própria criatividade e contexto. Essa adaptação reforça o risível e garante que o conteúdo se mantenha repercutindo. Conclui-se, que a piada não está no que está sendo dito, mas na repetição da fórmula de um mesmo modelo.

Em suma, a teoria de Bergson sobre a repetição se manifesta na prática na lógica dos *memes* na internet. O riso digital é uma cooperação do que é “mecânico” (o modelo padronizado) e do que é “vivo” (as variações criativas), que os usuários da internet acrescentam. Juntando tudo, essas teorias proporcionam uma análise mais completa de como a repetição, a padronização e a variação potencializam o humor na internet.

3.6. Correção social pelo humor

Henri Bergson, em sua obra *O riso: Ensaio sobre a significação do cômico*, fala que o humor atua como um mecanismo social de correção. Para o filósofo, o riso é provocado por uma rigidez de comportamento — uma automatização do gesto, da linguagem ou da conduta — (BERGSON, 2001, p. 19) que se destaca em um contexto social que valoriza a flexibilidade e a adaptação. Quando alguém se comporta de forma desajustada, como uma “máquina entre seres vivos”, o riso coletivo surge como um tipo de correção que busca ajustar esse comportamento à normalidade.

Esse princípio bergsoniano também pode ser observado em certos casos de humor na internet. Um exemplo atual é a reprodução do termo “cringe”¹⁵, que ganhou destaque em 2021, especialmente entre usuários das redes TikTok, Twitter e Instagram. Jovens da Geração Z começaram a observar e fazer piadas sobre alguns comportamentos considerados ultrapassados da geração anterior, os chamados “millennials”¹⁶, ou Geração Y como usar calça skinny¹⁷, escrever “rsrsrs” em vez de “kkk”¹⁸, usar emojis considerados fora de moda ou fazer fotos com determinados gestos, como o “joinha”¹⁹. Mesmo considerados filhos da internet, ainda sofrem ridicularização por causa dos seus costumes. Mas, percebi que desde 2021 para 2025, o ano da pesquisa

¹⁵ Cringe: vergonha alheia, constrangimento.

¹⁶ Millennials: geração de pessoas nascidas aproximadamente entre 1981 e 1996, também chamada de Geração Y, caracterizada por ter crescido durante o avanço da tecnologia digital e da internet.

¹⁷ Calça skinny: modelo de calça justo ao corpo.

¹⁸ “rsrsrs” e “kkk”: formas escritas usadas em conversas online para representar tipos de risadas.

¹⁹ Joinha: gesto com o polegar levantado, significa aprovação, muito comum nas conversas das redes sociais. Denominado como “emoji”, que significa um ícone utilizado para expressar uma emoção, usado frequentemente em textos informais.

desse trabalho, muitas dessas piadas na internet ganharam novos significados, onde a sátira virou nostalgia, e não alvo de piadas maldosas, mas de compreensão daquilo que um dia já foi, para que hoje pudesse ser transformado.

Mas antes disso, essas práticas foram amplamente ridicularizadas por meio de *memes*²⁰, vídeos e comentários na internet. A graça, nesse caso, nasce justamente da percepção de que essas ações são repetidas de forma automática, sem consciência de seu desajuste, visto que aqueles gestos, falas, estavam fora do seu tempo em relação às novas práticas culturais e de comunicação da geração mais jovem. Ou seja, há uma percepção de rigidez comportamental — uma espécie de “automatismo geracional” — (BERGSON, 2001, p. 23–24) que Bergson apresenta como uma fonte do cômico.

Como no exemplo contemporâneo logo abaixo, sobre correção social pelo humor na internet, nos padrões da teoria de Henri Bergson, pode ser observado nesse *meme* que circulou nas redes sociais com o título “*De Repente Cringe*”, uma paródia do pôster do filme *De Repente 30*. O termo “cringe”, popularizado pela Geração Z²¹, é usado para descrever comportamentos considerados antiquados, vergonhosos ou constrangedores, é basicamente uma atitude que causaria vergonha alheia. No *meme*, a estética e a composição visual do filme são mantidas, mas com adaptações que ironizam os costumes da geração millennial ou Geração Y.

Nesse contexto, o humor digital age como forma de correção simbólica. Na ótica bergsoniana, ao rir coletivamente de quem age de forma “cringe”, os usuários tencionam estabelecer um padrão de comportamento mais alinhado com o presente. Aqueles que são alvo desse tipo de piada podem ser levados a mudar sua conduta, ajustando-se ao que o grupo espera para evitar o constrangimento ou a exclusão simbólica. Portanto, o caso do “cringe” evidencia que, mesmo em um ambiente fluido, dinâmico e colaborativo como o da cultura digital, a teoria de Bergson ainda encontra lugar. O riso, nesse caso, serve para controlar alguns comportamentos, fazendo as pessoas seguirem as regras sociais do tempo em que estão vivendo, e também funciona como forma de correção social quando mostra e corrige essas atitudes dentro das redes sociais com os próprios usuários das redes, que são das duas Gerações.

²⁰ *Memes*: imagens, vídeos ou textos engraçados que as pessoas compartilham e refazem na internet.

²¹ Geração Z: pessoas nascidas aproximadamente entre 1997 e 2012, que cresceram já com a internet, redes sociais e tecnologia digital desde a infância.

Figura 7: Capa do filme De Repente 30 (2004) dirigido por Gary Winick.



Fonte: Internet Movie Poster Awards, 2025.

Figura 8: Adaptação da capa do filme com humor “De Repente Cringe”: que representa a mudança dos comportamentos entre as gerações.



Fonte: Folha.Uol, 2025.

Segundo Bergson, rimos quando percebemos que alguém faz algo estranho, automático ou diferente do que um grupo considera normal ou espera. Então, esse riso funciona como um sinal de alerta para que aquela pessoa volte a se comportar do jeito

que a maioria considera certo. Para ele, “o riso é, pois, uma espécie de gesto social que reforça, sem punição violenta, os bons costumes” (BERGSON, 2001, p. 20).

No caso desse *meme* “*De Repente Cringe*”, o humor está justamente em destacar essa rigidez geracional, os hábitos mantidos automaticamente por pessoas que, ao atingir os 30 anos, permanecem presas em referências culturais que já são diferentes dos valores e das novas tendências do momento atual. Assim, o riso que é provocado por esse tipo de conteúdo não é apenas só para rir, mas parece buscar uma função disciplinadora, ao sugerir, de forma engraçada, que tais comportamentos deveriam ser revistos. Nesse sentido, o *meme* exemplifica bem o conceito bergsoniano de “correção simbólica”, atualizando-o para o contexto digital, onde as normas culturais são constantemente negociadas e onde o humor se transforma em uma poderosa ferramenta de vigilância informal e de atualização e conscientização social.

3.7. Limites da teoria de Bergson para explicar o humor digital

Para entender como algumas ideias de Bergson sobre o riso são confrontadas pelo humor na internet, vamos conhecer alguns autores que estudam esse tema atualmente. Pesquisadores como Limor Shifman (2014), Viktor Chagas (2020), Alexandre Werneck (2015), Isabella Tavares Sozza Moraes²² (2023), nos ajudam a repensar o riso, levando em consideração o avanço da tecnologia e a sua influência na sociedade e nas formas de comunicação, e por consequência, formas de rir, e dessa nova forma de fazer humor, através da linguagem dos *memes*.

Limor Shifman é uma pesquisadora de Israel e professora na Universidade Hebraica de Jerusalém. Ela é famosa por estudar a cultura digital, particularmente, os *memes*. No seu livro *Memes in Digital Culture* (2014), ou em português “*Memés na Cultura Digital*”, ela mostra uma das formas de como o humor pode aparecer na internet, mostrando que os memes também não servem só para fazer as pessoas rirem. De acordo com ela, eles também são uma forma das pessoas participarem da criação, e se expressarem na internet. Para ela, o humor digital está em constante mudança o tempo todo, e também tem um lugar muito importante na sociedade. Se, para Bergson, o riso possui uma função social de corrigir comportamentos que fogem do esperado que se tenha, ou seja, quando alguém age de forma mecânica demais, ele surge como uma

²² Isabella Sozza Moraes: Atua na interseção entre linguagem, cultura e tecnologia, com ênfase em práticas inclusivas, ensino-aprendizagem mediado por tecnologias e tradução literária.

forma de lembrar essa pessoa de se adaptar às convivências com os outros e voltar a agir conforme, Shifman já diz que o humor digital não serve apenas para corrigir comportamentos. Ela mostra que os memes funcionam como forma de participação coletiva, recriação e expressão de identidade. Em vez de rir das pessoas para que elas mudem, muitas vezes os *memes* valorizam justamente o diferente, mostrando que o humor na internet é mais flexível e colaborador.

E um exemplo disso é o meme na internet do “Namorado Distraído” ²³ou (*Distracted Boyfriend*), que já foi usado de muitas maneiras por grupos diferentes, pra fazer piadas sobre política, relacionamento, coisas do cotidiano ou outros temas. Nesse caso, o humor não tem a função de disciplinar, mas de criar várias interpretações possíveis e conectar pessoas por meio do sentimento e das experiências semelhantes.

Figura 9: Meme do namorado distraído ou (*Distracted Boyfriend*)



Fonte: GUILLÉM, Antonio. Shutterstock, 2015.

Figura 10: O dilema entre a obrigação social e o conforto de ficar em casa: quando o sofá vence os rolês

²³ Foto “Namorado Distraído”, tirada pelo fotógrafo Antonio Guillem em 2015 para a empresa que o banco de imagem Shutterstock, e que virou um *meme* famoso a partir de 2017 até hoje em 2025, mostrando quando alguém se distrai ou muda de interesse.



Fonte: Imagem adaptada de GUILLÉM, Antonio. Shutterstock, 2015.

Shifman (2023, p.37) diz que o humor digital é:

- (a) um grupo de itens digitais que compartilham características comuns de conteúdo, forma e/ou atitude ²⁴(stance)²⁵; (b) que foram criados com consciência uns dos outros; e (c) que foram circulados, imitados e/ou transformados via Internet por muitos usuários.

Isso significa que, os *memes* geralmente tem uma aparência parecida, falam de temas parecidos ou usam o mesmo formato (como uma mesma imagem com textos diferentes). As pessoas fazem *memes* novos sabendo que estão imitando ou transformando outros *memes*. É quase como uma conversa que cada vez um acrescenta uma nova piada ou versão. E que se espalha entre várias pessoas, que muitas vezes copiam, editam, atualizam e compartilham com novos significados.

O que contradiz Bergson no sentido que o riso é, automático, impessoal e disciplinador, porque o ato de uma pessoa criar, editar e compartilhar conteúdos na internet deve ser consciente e intencional, e não um processo automático. Além de que os memes na internet surgem através do contexto cultural e social do momento, e não se restringe a um “tipo” como na comédia clássica, o velho avaro, o jovem apaixonado, o servo esperto. E ainda que a autoria não seja definida, o humor digital é uma construção colaborativa e não uma resposta a um acontecimento. Mas em concordância com ele em relação ao que ele diz sobre a repetição, pensando no sentido de que uma ação ou uma piada pode ocorrer várias vezes. Segundo Shifman, o riso na internet pode ter vários significados e serve para várias coisas diferentes, como divertir, protestar, refletir ou apenas rir.

Aqui Shifman mostra que os memes muitas vezes questionam, criticam e desafiam as regras sociais. Por isso, o humor na internet é mais livre, coletivo e até

²⁴ Stance, para Limor Shifman, é a opinião ou jeito que a pessoa que fez algum *meme*, seja positivo, negativo

ou neutro em relação a algum tema, mostrando sobre esse assunto, e influenciado a forma como quem vê o *meme* vai interpretar ele. (SHIFMAN, 2014, p. 45). Ou seja, dependendo do “stance”, elogiando, criticando, brincando, vai mudar a forma como quem vê entende, porque tem várias interpretações diferentes. Mas o que importa, é COMO o criador mostra sua opinião. O “como”, a atitude, é o stance.

²⁵ Stance: posição, atitude.

caótico, não sendo usado para corrigir, mas para expressar diferentes ideias e sentimentos. O humor digital tem muitos modos e várias interpretações, funcionando no contexto cultural que está constantemente mudando e se adaptando. Diferente da rigidez mostrada por Bergson, o humor nas redes sociais é mais participativo, portanto, o humor digital não pode ser reduzido a um meio de correção, mas entendido como forma de comunicação social.

Já Viktor Chagas ²⁶é um pesquisador brasileiro e professor na Universidade Federal Fluminense (UFF). Ele é coautor do projeto Monitor do Debate Político no Meio Digital, ele basicamente analisa como os conteúdos políticos circulam na internet, incluindo *memes* e formas de humor usadas para criticar algo, logo, esse projeto acompanha o que acontece nas redes sociais constantemente. Ele estuda como o humor e a política podem interagir, principalmente em momentos de protesto. Em concordância com Limor Shifman, mostrando também que os *memes* não servem apenas para divertir, mas também podem criticar problemas sociais, influenciar as pessoas, entre outras coisas. No contexto de Chagas, o humor digital vai além da piada e se transforma em forma de fazer e falar sobre política.

Em seus estudos sobre protestos e ativismo na internet, como no projeto *Monitor do Debate Político no Meio Digital*, ele mostra que os *memes* podem ser usados como ferramenta figurativa para discutir ideias e opiniões.

Por exemplo, durante os protestos de 2013 no Brasil, Chagas analisou como os personagens como, do perfil “Presidenta Dilma Bolada”²⁷ que foi criada em 2010 por Jeferson de Oliveira Monteiro, como uma sátira, ou os *memes* do tipo “O Gigante Acordou”, que foram usados para mostrar a insatisfação do povo, também por meio de piadas com políticos e questionamentos sobre o poder. Resumindo, enquanto um dos pontos da teoria de Bergson, dizia que o riso serve para reforçar regras sociais, Chagas mostra que na internet, o riso ou humor pode fazer o contrário disso, pode desafiar essas regras e mudar o jeito como falamos sobre política e sobre as questões sociais. Entretanto, pode-se entender assim como uma questão de perspectiva, como as questões sociais, por exemplo, são compreendidas de forma muito diferente pela esquerda e pela direita, então, o humor que ataca de um lado, também reforça as regras sociais do outro e vice-versa.

²⁶ Viktor Chagas é professor da Universidade Federal Fluminense (UFF) e ajuda a pesquisar assuntos políticos, como, *memes* e piadas circulam na internet.

²⁷ “Presidenta Dilma Bolada” é um perfil criado por Jeferson Monteiro em 2010 no Twitter, que faz piadas imitando a presidente Dilma Rousseff de forma engraçada para comentar sobre a política do Brasil.

Figura 11: Dilma Bolada e o Brasil Engolindo a Copa: Quando o Meme vira realidade



Fonte: LATUFF, Carlos. Brasil 247, 2014.

Essa imagem de Latuff²⁸ mostra bem como o humor feito com desenhos e postado na internet pode ser uma forma de protesto, de crítica política e de engajamento social. Usando caricaturas²⁹ e referências da cultura digital, ela fala direto com o espectador. Aqui existe um detalhe importante que dialoga com Bergson em outro sentido, quando ele fala sobre o uso de caricaturas, como elemento que gera o cômico por serem muito exageradas e lembrarem algo “mecânico”, esse ponto se articula com a ideia da cultura digital para criar uma linguagem direta e fácil com o público que funciona. Porém, o humor aqui escancara a situação do momento, como forma de protesto, discordando de Bergson em relação ao humor servir para reforçar regras sociais, aqui, é um humor que se preocupa, que comunica, que reivindica os direitos sociais, criando novos sentidos e formas de resistência através do humor.

Em concordância com os autores, outro exemplo válido é o slogan, ou frase curta e marcante que virou símbolo de algo, como a do “O Gigante Acordou”, que ficou muito conhecida durante os protestos de junho de 2013 no Brasil.

²⁸ Carlos Latuff é um cartunista brasileiro conhecido por suas ilustrações com crítica social e política.

²⁹ "A caricatura provoca riso ao exagerar traços físicos ou gestos, tornando-os mecânicos e rígidos — um desvio da vida natural." (Consulte no livro *O Riso: ensaio sobre a significação da comicidade*, de Bergson, tradução de Paulo Neves. São Paulo: Edipro, 2001, p.17-22).

Ainda que depois, as imagens e as práticas do movimento #ogiganteacordou tenham sido instrumentalizadas pela agenda política da extrema direita, esse estudo se limita a analisar com um objetivo de pesquisa somente o elemento do riso digital, suas formas e propagações e seu meio de movimentação de acordo com o autor Viktor Chagas, que usa do humor digital para criticar. O foco deste estudo está na forma do material e não irá adentrar no seu conteúdo político e pautas associadas.

Dito isso, também é importante contextualizar o que gerou a charge, tudo começou com manifestações contra o aumento das passagens de ônibus, mas logo os protestos passaram a criticar também a corrupção, a desigualdade, os serviços públicos ruins, a falta de representatividade política, entre outras situações sociais. Muitas pessoas também apenas espalhavam a mensagem utilizando a frase, mas não sabiam o significado por trás da expressão.

Acontece que, metaforicamente, a frase era a ideia de que o povo brasileiro, que antes parecia omisso, agora estava “acordando” para lutar pelos seus direitos. E ela ganhou muita repercussão justamente nas redes sociais, que espalhou rapidamente esse movimento, com hashtags como #vemprarua e #ogiganteacordou, que viralizaram e incentivaram cada vez mais pessoas a participar. Por isso, “O Gigante Acordou” não foi só uma frase impactante, ela virou um símbolo do uso das redes sociais como espaço de protesto e participação política, muitas vezes recriada e compartilhada de forma cômica até hoje, porém, em outros contextos, como em times de futebol que há tempos não ganhavam, mas começaram a subir na escala e a ganhar vários jogos, assim animando torcedores a usarem e publicarem a frase “O Gigante Acordou” com o símbolo do time, por exemplo.

Figura 12: Charge O Gigante Acordou de Adriano Kitani



Fonte: Luana Sousa (via blog Não Sou o Gato), 2025.

Essa charge, ou desenho, usou o humor para criticar o que aconteceu com os protestos de 2013 no Brasil. Ela mostra o “gigante” que seria o povo, que acordou para lutar por mudanças, e que começou a rejeitar partidos políticos e suas ideias, porque não estavam sendo representados como queriam, isso tornou o movimento mais radical, podendo perceber nos lasers que saem dos olhos do gigante. Essa imagem ainda aconselha que para evitar que esse gigante vire um “monstro fascista”, precisava estudar História, alertando também sobre a falta de conhecimento dos manifestantes que só estavam ali por estar.

Esse tipo de humor é o que o pesquisador Viktor Chagas chama de riso digital. Lembrando que no *Monitor do Debate Político no Meio Digital*, ele explica que o humor na internet não serve só para fazer rir, mas também para fazer política. Por meio dos *memes*, charges e piadas visuais, podem ser usadas para criticar, chamar atenção, conscientizar e gerar discussões nas redes sociais.³⁰ Essa charge mostra muito bem isso, com uma piada, ele faz também uma crítica séria ao comportamento de alguns manifestantes, muito comum nas redes sociais, falar sobre algo sério usando o humor, onde a piada também serve para fazer pensar.

³⁰ Shifman explica que os *memes*, as charges, caricaturas e outras imagens com tom de humor, tem muita força nas redes sociais, por conta do seu formato visual, tem mais possibilidade de viralização, assim, sendo espalhados e chegando em vários lugares rapidamente. (SHIFMAN, 2014, p. 15–18).

A etimologia da palavra “*meme*”, em grego, significa mimese, mimeme ou mimetes, que significa “alguma coisa imitada”, essa palavra foi criada pelo biólogo britânico Richard Dawkins no seu livro “O gene Egoísta”, curiosamente tendo o som da palavra “*meme*” semelhante a palavra “gene” do seu livro. Justamente, com a ideia de que o “*meme*” é uma unidade de transmissão cultural, no mesmo sentido de que o “gene” é a unidade de transmissão biológica. Em que se espalham, de pessoa para pessoa através da imitação, propagação de pensamentos, de atitudes e nas próprias referências culturais de cada um. E na internet, quando um *meme* se espalha com muita velocidade, o termo usado para esse fenômeno é a palavra “viralização”, nesse caso, que é quando um vídeo, imagem ou frase que é compartilhado por várias pessoas na internet e se torna popular por tempo indeterminado, passa a ser considerado um “*meme*”.

Entendendo isso, como o *meme* sofre muitas transformações por cada cocriação de sentido, existem tipos de humor na internet utilizando a linguagem dos *memes* que contradizem a teoria do riso de Bergson. Como os *memes* que são criados de forma humorística para espalhar desinformação nas redes sociais, por exemplo. Mas, para seguir com essa ideia se deve compreender também, que não é o humor o causador da inserção da desinformação nos usuários, que são ignorantes em relação ao assunto, ignorantes no sentido de ser leigo sobre o que o *meme* trata. E sim aquele que cria conteúdos distorcidos como forma a reforçar essas ideias.

Com isso, como o humor é figurativo, ele “não se permite temer as reações do outro e, portanto, se pode dizer o que quiser” (Werneck³¹ *apud* Leal 2024, p. 209). Pensando assim, trazendo para um olhar digital sobre os *memes*, nota-se que existem várias formas de construir essas unidades de transmissões, como já foi citado anteriormente, em forma de crítica, de uma maneira mais simplificada utilizando o humor como elemento para falar de assuntos sérios. Aqui, pode-se dizer que um *meme* tem se tornado mais do que a replicação de um determinado tema, mas também desenvolve uma capacidade de comunicação nas redes sociais.

Ainda mais, atualmente, os *memes* na internet, comprovam essa capacidade ao tratar de situações que despertam o interesse das pessoas que dedicam um tempo de

³¹ Alexandre Werneck é um sociólogo brasileiro que escreveu o artigo “Dar uma Zoada”, “Botar a Maior Marra”: Dispositivos Morais de Jocosidade como Formas de Efetivação e sua Relação com a Crítica”, onde analisa o papel da jocosidade, ou seja, de brincadeiras e piadas, na vida social. O trabalho de Werneck foca em como as pessoas utilizam essas formas de jocosidade para lidar com a crítica e evitar conflitos, tornando a vida em sociedade mais viável

atenção, visto quanto a atenção das pessoas tem sido de certa forma competida com os deveres sociais. Um exemplo simples foi o que aconteceu com os *memes* relacionados a Covid-19³² durante a Pandemia de 2020, sobre a vacinação. As pessoas que não eram a favor de tomar a vacina começaram a criar e reproduzir *memes* que contradiziam as orientações. Também, como forma de incentivar, manipular, outras pessoas que também já tinham essa ideia enraizada. – já que, no ambiente virtual, é possível construir identidades e posicionamentos de forma estratégica (Moraes, 2023).

De outra forma, os *memes* também servem como ferramentas para a propagação de informações, para influenciar e manipular dados na internet. No cenário contemporâneo, os *memes* atuam por meio de uma tentativa de mostrar os sentimentos e ideias das pessoas que fazem parte do ambiente digital, como parte da sociedade. De acordo com Moraes (2023): “diversos *memes* da Covid-19 são publicados com o intuito de satirizar, realçar emoções ou mesmo ideologias dominantes” (p.89).

Seguindo, existem situações em que um criador de um *meme* divulga informações falsas com o intuito de desmoralizar algum grupo, usando o humor dissimulado. Colocado apenas como uma piada, quando na verdade sua real intenção é atacar. Enquanto tinham pessoas que faziam piada só pela piada, neste caso, sobre a pandemia. Do outro lado, existiam também quem utilizava da piada, dos *memes*, para falar indiretamente sobre sua posição, seja a favor ou contra as medidas implementadas para o controle da doença. Quero deixar claro que, este trabalho não se trata de posicionamento político em questão, e sim de exemplos utilizados com mecanismo do *meme* de forma humorística nas redes sociais. Mas, se nota que os *memes* exercem sim uma função de expressão social, que os usuários, as pessoas que participam ativamente das redes sociais, podem demonstrar suas opiniões. E nesse sentido, os *memes* é um recurso extremamente potente para cumprir com essa função social, por meio da ironia, das críticas, de posicionamentos, que ultrapassam a piada. E na internet, isso é bastante utilizado.

No meio de tantos *memes*, os que carregam a ideia de que se deve acreditar em algo, ou que de alguma forma tenta mudar a opinião de quem está recebendo esse *meme*, de acordo com (Shifman, 2014), tem grande chance de viralização, porque a

³² COVID-19: sigla para *Coronavirus Disease 2019*, que significa, doença causada pelo vírus SARS-CoV-2, que se espalhou globalmente a partir do final de 2019, provocando uma pandemia com impactos profundos na saúde pública, economia e sociedade mundial.

própria repercussão desse *meme*, já é uma forma de persuasão. (Shifman, 2014). E de acordo com esse exemplo, acaba aumentando o alcance de uma informação falsa. Então, os *memes* persuasivos podem favorecer ou desfavorecer algo ou alguém, usando de fatos reais ou gatilhos emocionais, mas quase sempre com o intuito de ganhar apoio para que a mensagem continue circulando na internet, (Chagas, 2018, Melo 2023).

Portanto, pode-se perceber que os *memes* têm grande influência na opinião pública, e a forma como a população age em relação a isso ajuda a enfrentar todos os tipos de informações presentes, levando em consideração a veracidade das informações.

Mas, a ideia nesse assunto é que *memes* se tornaram meios de comunicação, através do humor, seja irônico, dissimulado ou crítico, e dentro da ideia desta pesquisa, a questão é que os *memes* dentro das redes sociais são de natureza múltipla, de várias formas, polissêmicas, com vários sentidos e criativa, inovador. (Dasmasceno, 2020). De forma que, piadas, gifs, *memes*, vídeos curtos podem ter vários significados ao mesmo tempo, e entender essas piadas depende muito do que cada pessoa conhece ou viveu, um pouco diferente da ideia de Bergson, que vê o riso como algo mais racional e objetivo, o humor na internet é livre para várias interpretações.

Figura 13: *Meme* de informação falsa



Fonte: REDDIT, 2025.

Nessa imagem, se trata de um *meme* antivacina, que opta por não tomar a vacina com argumento de que os efeitos colaterais pós-vacina seriam graves, como,

transformar as pessoas em jacaré ou crescer um terceiro braço no corpo. A título de exemplo desta pesquisa, utilizando do *meme* de forma humorística nas redes sociais para espalhar uma desinformação com intuito de convencer outras pessoas a acreditarem e compartilharem essa mesma ideia, usando do humor para fazer uma crítica. E tem até uma graça no sentido do contexto, porque biologicamente isso é impossível, o que traz um riso absurdo.

Figura 14: *Meme* que usa a desinformação como piada irônica



Fonte: EXTRA, 2025.

Percebe-se a fluidez e multiplicidade do elemento *meme* nas redes sociais, quando é usado nesse exemplo, o mesmo modelo do exemplo anterior, mas em um contexto contrário, mudando o sentido crítico e humorístico do mesmo assunto em questão, aqui, por meio da ironia.

Figura 15: Meme sobre a quarentena



Fonte: HUMOR E PIADAS, 2025.

Nesta imagem, é uma piada pelo contexto pandêmico de ter que ficar dentro de casa e evitar o contato com outras pessoas para não ser contagiado pela doença, e traz dois pontos interessantes de pensar. O primeiro é fazer a piada, o *meme*, só para ser engraçado, e o segundo, fazê-lo como meio de enfrentar a situação que se encontra, como um riso íntimo, que mesmo diante do pior, ainda se pode rir disso, como, forma de força interior, o que contrapõe Bergson, que vê o riso como algo mais racional e objetivo.

Outro exemplo é o personagem Chaves³³, com a frase “*Foi sem querer querendo.*” Esse *meme* pode aparecer em várias circunstâncias e mudar o sentido de acordo com o contexto. Por exemplo, ele pode tanto ser usado para comentar de um erro simples de alguém, como também para criticar alguma atitude maior de forma irônica, depende do contexto, como uma publicação política, ou então ser usado em uma conversa do dia a dia como brincadeira. Mas esse tipo de piada só funciona se as pessoas conhecerem o personagem, porque entendem a frase, no caso, do seriado Chaves.

³³ Chaves: é uma série de comédia mexicana criada por Roberto Gómez Bolaños, que passou entre 1971 e 1980, e o seriado mostrava a vida de um menino que era órfão que morava em uma vila, e a história se dá entre a vida dele e os seus vizinhos, entre outras coisas. Ele se tornou um dos programas de televisão mais famosos na América Latina.

Então, isso mostra que o humor também pode ser pessoal, múltiplo, nostálgico, irônico, social, tudo depende de como for usado. Esses exemplos podem contrapor a ideia de Bergson, abrindo espaço para mais estudos sobre a essência do cômico.

No entanto, é bom lembrar que Bergson não dizia que o riso serve exclusivamente para punir ou criticar. No seu livro *O Riso* (1914), ele explica que o que nos faz rir é quando percebemos que algo mecânico aparece em uma situação que deveria ser mais viva e natural. Então, para ele, é uma reação racional, usada para lembrar as pessoas de que para viver em sociedade é necessário ser flexível como o fluxo da vida. Já para Shifman e Chagas, o riso na internet é mais do que para corrigir comportamentos, mas também é um meio de expressão, de crítica e de novas criações.

Concluo então, que a teoria de Bergson mesmo sendo antiga, ainda ajuda a entender muitas partes do humor, como quando a gente ri de algo repetitivo, automático ou inesperado. Mas, para explicar o riso hoje na internet, ele ainda precisaria ser completado. Para Bergson, uma das características do riso era para corrigir comportamentos, como uma forma de controle social. Ressalto isso porque os pesquisadores de hoje mostram que nas redes sociais, o riso pode ter muitos outros sentidos. Se tornando até uma forma de linguagem para a comunicação social. As ferramentas utilizadas na internet para gerar o humor, como, os exemplos dos *memes*, vão além da simples piada, são uma nova forma de expressão, de crítica e de muitas influências nas opiniões de outrem, se adaptando constantemente e ganhando vários significados diferentes a cada nova contribuição e compartilhamento.

Contudo, essa natureza múltipla do humor digital, que pode possuir vários significados, precisa de novas visões que vão além da teoria de Bergson, porque passa a ser não só um elemento de análise, mas uma ferramenta de mudança, para o bem ou para o mal, no campo digital. Então, a teoria de Bergson continua sendo muito importante, mas é mais uma entre várias outras formas de entender o humor.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esse trabalho teve o objetivo de entender como o riso acontece nas redes sociais, principalmente nos *memes*. Então, foi feita uma comparação entre a teoria de Henri Bergson sobre o riso e algumas ideias de estudiosos mais atuais, como, Limor Shifman, Viktor Chagas, completadas por Alexandre Werneck e Isabella Tavares Sozza Moraes com exemplos dos *memes* na internet. Começamos entendendo sobre a teoria de Bergson, escrita no século XX³⁴, que veio nos explicar o riso em comportamentos mecânicos, rígidos ou diferentes e a sua função social. Tudo isso ainda ajuda a entender algumas situações, como pessoas que escorregam e são engraçadas ou pessoas que fazem coisas “cringe”. Também nos ajuda a entender porque tantos *memes* repetem fórmulas, modelos, como no exemplo do Drake. E a ideia de que o riso é uma reação a algo inesperado continua firme.

Ainda que a teoria de Henri Bergson seja uma ferramenta de análise fundamental, é importante ressaltar que ela foi criada em um contexto antes da internet. A troca de informação em massa para uma rede digital, a velocidade das mudanças no mundo transformou a produção do humor, onde qualquer pessoa com acesso à informação pode criar e recriá-lo.

Essa nova forma de comunicação é rápida, colaborativa e imediata. O riso não surge apenas de um único autor, mas de processos que se renovam constantemente, como, em *memes*, vídeos, que são frequentemente feitos e refeitos por diversas pessoas. Essa fluidez quebra com a ideia de autoria e desafia a estabilidade de uma única ação cômica, o que está em contradição com Bergson, mas não completamente.

Dessa forma, a essência participativa do humor digital mostra que a visão de Bergson, que foca bastante na rigidez e mecanicidade, sozinha é insuficiente para explicar a complexibilidade e imprevisibilidade do humor na era digital.

Pesquisadores mais atuais trouxeram novas formas de pensar o humor na internet. Por exemplo, Limor Shifman fala que os *memes* não são só piadas, mas uma linguagem coletiva — são uma forma de as pessoas se expressarem e se comunicarem com outras por meio de uma linguagem cultural compartilhada.” (SHIFMAN, 2014, p.18). Já Vitor Chagas mostra como os *memes* são usados para falar de política e fazer

³⁴ Século XX: período entre os anos 1901 e 2000, marcado por grandes mudanças sociais e tecnológicas.

críticas sociais. Alexandre Werneck apresenta como os *memes* na internet estão se tornando uma forma de comunicação e Moraes mostra como a utilização do *meme* pode ser disfarçada de humor, como a desinformação, sendo transformada, manipulada e propagada na internet.

Devido ao prazo estabelecido para a entrega deste trabalho, não foi possível estudar mais níveis de variação do humor digital. Mas acredito que sirva para completar outros pontos que não puderam ser contemplados nesse momento. Mas, todos esses pensadores mostram que o riso na internet é mais do que só fazer as pessoas rirem. Ele também serve para se expressar, criticar, unir, criar identificação. Aqui, também existe uma função social emocional, em que alivia um pouco as dores em momentos difíceis com o humor, como vimos nos exemplos de *memes* durante o período da pandemia. Além de que, ao participar colaborativamente na cocriação desse humor, as pessoas se tornam pertencentes a um grupo, que se conecta com várias pessoas.

Por causa de tudo isso, pode-se dizer que a teoria de Bergson ainda é muito importante, mas precisa ser ampliada com novas visões atuais sobre o riso. Hoje o riso se apresenta cada vez mais capaz de realizar muitas coisas, corrigir, como dizia Bergson, mas também para se expressar, fazer política e mudar pensamentos, o riso digital é múltiplo, participativo e com muitas significações.

Enfim, para entender o riso na internet, também é preciso entender como as pessoas vivem, pensam, questionam e se relacionam umas com as outras no mundo, porque o riso acompanha e se adapta às mudanças do mundo criando novos sentidos. Por isso é importante continuar estudando o riso com o pensamento aberto, juntando teorias com diferentes pontos de vista para conseguir acompanhar as transformações da sociedade, que está ficando cada vez mais consciente e conectada.

REFERÊNCIAS

BERGSON, Henri. O riso: Ensaio sobre a significação do cômico. Tradução de Paulo Neves. São Paulo: Martins Fontes, 2001. Disponível em: <https://archive.org/details/bergson-henri.-o-riso>. Acesso em: 2 maio 2025.

BUTLER, Judith. Corpos em aliança e a política das ruas: notas para uma teoria performativa de assembleia. Tradução de Fernanda Siqueira Miguens. 1. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2018. Disponível em: https://aiaangola.org/wp-content/uploads/2024/05/BUTLER_Judith.Corpos_em_alianca.pdf. Acesso em: 3 set. 2025.

BUTLER, Judith. Corpos que importam: os limites discursivos do “sexo”. Tradução de Renato Aguiar. 2021. Disponível em: https://transreads.org/wp-content/uploads/2021/07/2021-07-28_61015fcd45193_Corpos_queimportamoslimitesdiscursivosdosexoPortuguezeEditionbyJudithButlerz-lib.org_.pdf. Acesso em: 29 jul. 2025.

CHAGAS, Viktor. A febre dos memes de política. Revista Famecos: mídia, cultura e tecnologia, Porto Alegre, v. 25, n. 1, 2018. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/revistafamecos/article/view/27025/16239>. Acesso em: 22 jul. 2025.

CHAGAS, Viktor (org.). A cultura dos memes: aspectos sociológicos e dimensões políticas de um fenômeno do mundo digital. Salvador: EDUFBA, 1ª ed., 2020. Disponível em: <https://pt.scribd.com/document/579783056/A-Cultura-Dos-Memes-Viktor-Chagas>. Acesso em: 22 jul. 2025.

CONJUR. Meme de Chico Buarque em capa de disco. 2017. ConJur. Disponível em: <https://www.conjur.com.br/img/b/chico-buarque-meme-capa-disco.jpeg>. Acesso em: 25 ago. 2025.

DAMASCENO, Handherson Leylton Costa. Memes e narrativas em tempos de pandemia da Covid-19. Folha de Rosto, v. 6, n. 2, p. 119-135, ago. 2020. DOI: <http://dx.doi.org/10.46902/2020n2p119-135>. Disponível em: <https://periodicos.ufca.edu.br/ojs/index.php/folhaderosto/article/view/527/472>. Acesso em: 06 set 2025.

DAWKINS, Richard. O gene egoísta. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.

DAWKINS, Richard. O Gene Egoísta. [s.l.], [s.d.]. Disponível em: https://www2.unifap.br/alexandresantiago/files/2014/05/Richard_Dawkins_O_Gene_Egoista.pdf. Acesso em: 3 ago. 2025.

DE REPENTE 30. Direção: Gary Winick. Roteiro: Josh Goldsmith, Cathy Yuspa. Intérpretes: Jennifer Garner, Mark Ruffalo, Judy Greer, Andy Serkis, Kathy Baker.

[S.l.]: Columbia Pictures; Sony Pictures Home Entertainment, 2004. 1 DVD (98 min). Disponível em: <https://www.hbomax.com/br/pt>. Acesso em: 6 ago. 2025.

DRAKE. Hotline Bling [videoclipe]. Dir. Director X. Young Money / Cash Money Records, 2015. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=uxpDa-c-4Mc>. Acesso em: 8 jul. 2025.

DRAKE. Meme Drakeposting. [S.l.]: ifunny.com, 2015. 1 imagem. Disponível em: <https://ifunny.co/>. Acesso em: 6 ago. 2025.

EXTRA, meme que usa a desinformação como piada irônica. 04 jan. 2021. Extra notícias. Disponível em: <https://extra.globo.com/noticias/coronavirus/contador-ironiza-bolsonaro-mostra-que-ninguem-virou-jacare-apos-tomar-vacina-24822972.html> . Acesso em: 6 set. 2025.

FOLHA.UOL. Conheça memes com o termo cringe. Fotografia, 2021. Disponível em: <https://fotografia.folha.uol.com.br/galerias/1703389020166820-conheca-memes-com-o-termo-cringe>. Acesso em: 26 ago. 2025.

GUILLÉM, Antonio. Disloyal man walking with his girlfriend and looking amazed at another seductive girl. Girona: Shutterstock, 2015. 1 fotografia. Disponível em: <https://www.shutterstock.com/image-photo/disloyal-man-walking-his-girlfriend-looking-297886754>. Acesso em: 6 ago. 2025.

HUGO GLOSS. SEMESTRE tá acabando... O próximo vai ser muito pior. [Meme de Chico Buarque em capa de disco]. 16 nov. 2022. Disponível em: <https://images.app.goo.gl/pCa94GfnZDwDJZRVA>. Acesso em: 15 ago. 2025.

HUMOR E PIADAS. Meme sobre a quarentena. 29 dez. 2020. Disponível em: <https://www.facebook.com/humorepiadasofice/posts/652574462249094/>. Acesso em: 6 set. 2025.

INSTAGRAM. “Pov: você tá terminando comigo mas eu sou...”. Instagram: @biologia_facil. 15 jan. 2025. Disponível em: <https://www.instagram.com/reel/DNEf7YRPf6c/?igsh=MWlqNmJ5c2OxeXM2aA%3D%3D>. Acesso em: 3 set. 2025.

LATUFF, Carlos. Charge com Dilma Rousseff alimentando troféu da Copa do Mundo – hashtag #vaitercopa. Brasil 247, 2014. Disponível em: <https://www.brasil247.com/charges/charge-de-carlos-latuff-para-o-247-3mz0yl01>. Acesso em: 6 ago. 2025.

LEAL, Sayonara; MEJIA, Fabiana; NÓBREGA JÚNIOR, Fábio. A memetização do discurso bolsonarista sobre combate à pandemia da Covid-19: democracia sanitária à prova da desinformação. Estudos de Sociologia, Araraquara, v. 29, n. 2, p. 199-229, jul. 2024. Disponível em: <https://periodicos.fclar.unesp.br/estudos/article/view/19442> . Acesso em: 6 set. 2025.

LORRELL, Katey. TikTok duets compilation funny 2022 [S.l.]: YouTube, 2022. Disponível em: Katey lorrell TikTok duets compilation funny 2022 #tiktok #shorts #funny best tiktok compilation. Acesso em: 30 ago. 2025.

MELO, Thiago Ramos de et al. Remixagem desinformativa em memes de internet. *Redis: Revista de Estudos do Discurso*, n. 13, p. 125-153, 2023. DOI: <http://dx.doi.org/10.21747/21833958/red13a5>. Disponível em: <https://ojs.letras.up.pt/index.php/re/article/view/13406/12284>. Acesso em: 6 set. 2025.

MONITOR DO DEBATE POLÍTICO NO MEIO DIGITAL. Canal do YouTube. Disponível em: <https://www.youtube.com/@Monitordodebatepolitico>. Acesso em: 3 ago. 2025.

MORAES, Isabella Tavares Sozza. Memes da Covid-19 e Memética: uma revisão de literatura. *Revista Íbero-Americana de Humanidades, Ciências e Educação: REASE*, São Paulo, v. 9, n. 2, p. 80-100, fev. 2023. Disponível em: <https://periodicorease.pro.br/rease/article/view/8435>. Acesso em: 6 set. 2025.

#MUSEUdeMEMES. Exposições [página na internet]. Rio de Janeiro: Universidade Federal Fluminense. Disponível em: <https://museudememes.com.br/exposicoes>. Acesso em: 22 jul. 2025.

OLIVEIRA, Rafaela Cristina Botelho; SALVADOR, Carlene Ferreira Nunes. Humor e preconceito linguístico no ciberespaço: uma análise sociolinguística. *Revista A Palavra*, Belém, Disponível em: <https://www.periodicos.ufpa.br/index.php/apalavrada/article/view/16932/11343>. Acesso em: 25 jul. 2025.

PLATÃO. Teeteto. Tradução de Carlos Alberto Nunes. Belém (PA): Universidade Federal do Pará, série Farias Brito, 3ª ed., 2001. Disponível em: <https://archive.org/details/escritos-completos-de-platao> (volume IX: Teeteto e Crátilo). Acesso em: 2 maio 2025.

REDDIT. Maybe a repost, sorry. 2013. Reddit. Disponível em: <https://www.reddit.com/r/BocchiTheRock/comments/1jv6h09/maybe-a-repost-sorry/>. Acesso em: 15 ago. 2025.

REDDIT. Urgente! Efeitos colaterais da vacina podem afetar... 20 dez. 2020. Disponível em: https://www.reddit.com/r/brasil/comments/kg35i/urgente_efeitos-colaterais-da-vacina-podem-afetar/. Acesso em: 6 set. 2025.

SHIFMAN, Limor. *Memes in Digital Culture*. Cambridge, MA: The MIT Press, 2014. Disponível em: <https://archive.org/details/memesindigitalcu0000shif>. Acesso em: 22 jul. 2025.

SOUSA, Luana. A arte do piriká. [S. l.], 2017. Disponível em: <https://www.naosooogato.com.br/pessoas/a-arte-do-pirika/>. Acesso em: 4 set. 2025.

WERNECK, Alexandre. “Dar uma Zoada”, “Botar a Maior Marra”: dispositivos morais de jocosidade como formas de efetivação e sua relação com a crítica. *DADOS – Revista de Ciências Sociais*, Rio de Janeiro, v. 58, no 1, 2015, pp. 187 a 221. DOI: <https://doi.org/10.1590/00115258201542>. Disponível em: SciELO Brasil - “Dar uma

Zoada”, “Botar a Maior Marra”: Dispositivos Morais de Jocosidade como Formas de Efetivação e sua Relação com a Crítica “Dar uma Zoada”, “Botar a Maior Marra”: Dispositivos Morais de Jocosidade como Formas de Efetivação e sua Relação com a Crítica. Acesso em 7 set. 2025.